

editorial

O bimestre agosto/setembro de 2007 tem sido de vasta agenda de mobilização para as mulheres. A II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, realizada em meados de agosto, contou com a participação de cerca de 2.800 delegadas, e mostrou que um trabalho intenso foi realizado desde o início do ano nos estados e municípios. Da mesma forma, a Marcha das Margaridas, que aconteceu nos dias 21 e 22 de agosto com a presença de mais de 30 mil mulheres, levou uma ampla pauta de reivindicações ao governo federal.

Terminamos o mês de agosto com o Dia da Visibilidade Lésbica, que coloca na ordem do dia a importância do reconhecimento da livre orientação sexual como eixo da luta feminista, e a reflexão sobre a maior intensidade da discriminação sofrida pelas lésbicas em relação aos homens homossexuais, uma vez que a opressão à sua sexualidade é construída também a partir das relações desiguais entre mulheres e homens, que se expressam nas diferentes dimensões.

Outra agenda colocada para lutadoras e lutadores sociais neste bimestre é o “Plebiscito da Vale”, convocado e organizado por diversos movimentos sociais. Trata-se de uma iniciativa importante por algumas razões: recoloca na pauta a idéia de um processo de “desprivatizações” (ou seja, ir além de interromper com as privatizações, mas aceitar o desafio de devolver para o povo o patrimônio privatizado); e organiza um número expressivo de movimentos em torno a uma agenda comum.

Terminaremos o bimestre com as mobilizações em 28 de setembro – Dia Latino-Americano pela Descriminalização e Legalização do Aborto, quando serão realizadas manifestações em vários cantos do país.

Essa é nossa agenda mudar a vida das mulheres, mudar o Brasil, e por isso seguiremos em luta todos os dias.

As Semprevivas



Juliana Bruce

A luta das lésbicas também é por autonomia e liberdade das mulheres

Perspectivas Feministas de Diversidade Sexual*

Nalu Faria

O debate sobre sexualidade esteve presente na primeira e na segunda onda do feminismo, embora com peso e perspectivas diferentes. Carol Vance (1989) diz que sempre houve diferenças entre as feministas sobre como abordar a sexualidade das mulheres, e analisa que a primeira onda foi mais protecionista, enquanto a segunda foi mais expansionista. Por protecionista, entende as feministas que “tentaram consolidar uma certa margem de proteção frente ao desejo e a agressão masculina (...), ou seja, a sexualidade feminina não pode florescer até que consiga uma maior segurança”. Já na visão expansionista e encorajadora, há “a crença de que as mulheres poderiam aventurar-se a manifestar sua sexualidade de formas mais visíveis e atrevidas”.

Porém, é preciso ressaltar que nossas análises e recuperação histórica ainda carecem de maior aprofundamento para percorrer e captar as posições minoritárias em cada momento, e mesmo a diversidade das experiências. Esse elemento é muito importante para se poder analisar o momento em que vivemos em relação à sexualidade sem cair na tentação de fazer uma análise linear, que vê os últimos séculos como um continuum.

O pessoal é político

O feminismo, a partir dos anos 60, trouxe o corpo para o espaço da política. O debate partia de questões muito concretas como o conhecimento da anatomia e da fisiologia, trabalhava a reconstrução da identidade feminina como um lugar de sujeitos reivindicava a legi-

continua na página 2

continuação da capa

timidade do desejo feminino e afirmava que o prazer era revolucionário.

Também, o feminismo colocou a importância de separar maternidade de sexualidade, e defendeu o direito das mulheres de expressar seu desejo sexual. Construiu formas coletivas de expressão das mulheres e de afirmação de seu desejo sexual. Colocou a questão da autonomia e do poder de decidir e escolher. Questionou a repressão, a imposição e o castigo.

Por concretizar a separação entre sexualidade e imposição da maternidade, a luta feminista pelo direito ao aborto é fundamental para a emancipação das mulheres. A defesa desse direito sempre foi articulada com o acesso aos métodos anticoncepcionais, igualmente considerado central para o exercício da sexualidade com autonomia.

O feminismo denunciou ainda todas as formas de abuso e violência contra as mulheres e também o estupro dentro do casamento, antes considerado normal, diante da suposta obrigação da esposa de servir sexualmente ao marido.

O padrão heterossexual

Nesse momento, o debate era centrado nas relações heterossexuais. Isso indicava a dificuldade de lidar com a diversidade em relação à sexualidade no interior do movimento feminista, mas também, o desconhecimento ou o não reconhecimento das experiências das lésbicas em coletivos ou comunidades. Joan Nestlé afirma que “nos anos 50, sobretudo, as relações butch-fem formavam a primeira linha das combatentes contra a intolerância sexual”. O conflito foi maior ou menor dependendo do país, mas um ponto em comum é a avaliação de que, também no feminismo, houve uma tendência a definir o que era uma sexualidade politicamente correta, e a partir daí, rotular negativamente as experiências desviantes da visão hegemônica.

Esse debate aparece no movimento

Militantes da MMM no Pará participam da Parada GLBT no estado



Fernanda Monteiro

de mulheres justamente a partir da organização de coletivos lésbicos que questionaram o fato de se considerarem as relações heterossexuais como as únicas normais, e denunciaram esse fato como imposição da heterossexualidade a todas as mulheres. Esse questionamento trazia críticas às limitações do feminismo e à dificuldade de considerar a diversidade de experiências das mulheres.

A evolução desse debate, sem aprofundar aqui as diferenças de visão construídas no interior do movimento, possibilitou contemplar a multiplicidade de fatores que intervêm na sexualidade e contribuiu para a compreensão da diversidade e variedade de expressões da sexualidade feminina. Nos últimos anos, o tema da diversidade sexual ganhou muita visibilidade e, do ponto de vista organizativo, convivem experiências tanto de coletivos feministas, como de espaços mais amplos denominados GLBT.

Autonomia e igualdade

Mas permanece havendo uma questão política a ser trabalhada em todos os espaços: a importância de construir uma perspectiva feminista de defesa da autonomia e da liberdade das mulheres. Ter uma política expansionista em uma sociedade ainda patriarcal e homofóbica, retomando, mais uma vez, Carol Vance (1989), pressupõe combater todos os perigos em relação à sexualidade e, ao mesmo tempo, defender o direito à expressão do desejo feminino.

A conjuntura atual, marcada pela exacerbção da sociedade de mercado, que busca estender e aprofundar a mercantilização de todos os âmbitos da vida, nos coloca novos desafios para uma política de encorajamento em relação à sexualidade. O mercado tenta avançar sobre a sexualidade ressignificando, segundo seus interesses, temas e propostas construídas pelos movimentos. A banalização da sexualidade é um desses mecanismos, assim como o aumento da prostituição. Na outra ponta, seguir com um duplo padrão de sexualidade, glorifica e reforça a maternidade como a principal realização das mulheres e definidora de seu lugar no mundo.

A luta por autonomia na sexualidade e a construção de uma política de encorajamento em relação à sexualidade para que seja transgressora em relação às normatizações homogeneizadoras são fundamentais para a construção da igualdade na diversidade.

* Artigo condensado para esta edição da Folha Feminista, publicado originalmente na revista América Latina em Movimento: Sexualidades Dissidentes (maio/2007). Para ver com detalhes, página www.alai.org

CITAÇÕES

Nestlé, Joan. *A questão Fem. Nosotras que nos queremos tanto*, nº 6, Madrid. Coletivo de Feministas Lésbicas. 1988. 60 pág.

Vance, Carol. *El placer y el peligro*. In ____ (org). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femina*. Madrid. Ed. Revolución, 1989. 232 pág.

Reflexos do feminismo na construção da economia solidária

Por Isolda Dantas *

O Centro Feminista 8 de Março (CF-8) tem relação com o tema da economia solidária a partir de sua articulação com a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e com a Rede Economia e Feminismo (REF). Em 2001, quando da criação da REF, definiu-se a economia solidária como uma das áreas de intervenção – estava colocada, portanto, a necessidade de se construir reflexão e ação que incorporasse uma perspectiva feminista no trabalho com economia solidária.

Nesse contexto, foi realizado o Seminário “Feminismo e Economia Solidária” na região nordeste em junho de 2003. Foi quando se fortaleceu a importância de se trabalhar de forma articulada, de que os grupos de mulheres deveriam participar dos fóruns gerais da economia solidária e, ao mesmo tempo, desenvolver experiências locais de articulação.

O debate seguiu com a necessidade de se construir formas de produção e comercialização que dessem resposta à invisibilidade, à marginalização e ao não reconhecimento do protagonismo das mulheres nos grupos organizados em torno da economia solidária. A proposta era avançar numa análise feminista e perceber como se organiza o trabalho, como se dá a gestão, como se articulam vida profissional e doméstica, e se existem variações tratando-se de grupos de mulheres e de grupos mistos. Os eixos que orientam essa análise são a desnaturalização da economia capitalista e da divisão sexual do trabalho, a ampliação da noção de trabalho, a relação entre produção e reprodução e a questão da autonomia das mulheres.

A experiência da Rede Xique Xique

Em dezembro de 2003, foi criada a Rede Xique Xique de Comercialização Solidária (é o nome popular da flor do mandacaru), que, “formada por mais de 50 grupos produtivos, tem como objetivo principal comercializar a produção de grupos organizados através do comércio

justo e solidário, incentivando o consumo ético, no qual consumidores e consumidoras conheçam e opinem sobre a forma de produzir e a qualidade dos produtos” (Carta de Princípios da Rede Xique Xique).

Anterior à sua criação, encontra-se a assessoria feita pelo CF-8 a vários grupos rurais e urbanos, desde meados dos anos

90. As mulheres colocavam a necessidade de se organizarem grupos produtivos para gerar renda, e nesse processo, o grupo “Mulheres Decididas a Vencer”, do Assentamento de Mulunguzinho, organizou uma horta agroecológica. Assim, criaram a Associação de Parceiros e Parceiras da Terra (APT). Após três anos, outros grupos passaram a demandar meios para a comercialização de seus produtos.



Arquivo/CF-8

Mulheres da Rede Xique Xique no Encontro Nacional de Agroecologia

Solidária e anti-capitalista

A Rede Xique Xique está organizada por núcleos em 8 municípios do Rio Grande do Norte. Além das ações voltadas para a comercialização, promove seminários, formação, articulação com outras redes, e trabalham para avançar o processo de Sistema de Garantia Participativa. É uma Rede surgida a partir da experiência de um movimento formado, na sua maioria, por grupos que partici-

da economia solidária, e de combater o modelo de agricultura baseado no agrogócio e o comércio baseado nos grandes supermercados.

A afirmação dos princípios feministas está na Carta de Princípios da Rede Xique Xique, na gestão (90% da coordenação são mulheres) e na organização cotidiana da Rede. Há a consciência de que a produção das mulheres é que garante a diversidade de produtos comercializados e a existência das feiras. Os acúmulos construídos na participação na MMM e na REF trazem os temas feministas e sua articulação com os outros temas da Rede. Por exemplo, é incompatível afirmar que uma produção é agroecológica e que uma comercialização é solidária se houver violência contra as mulheres nos grupos pertencentes à Rede.

* Isolda Dantas da equipe técnica do CF-8, integrante da REF e colaboradora da Rede Xique Xique de Comercialização Solidária.

Visibilidade lésbica em curta-metragem

O 18º Festival Internacional de Curtas de São Paulo organizou, em homenagem à semana da Visibilidade Lésbica, uma mostra de curtas sobre a temática lésbica intitulada “Doce Deleite”. Os filmes apresentados abaixo, alguns deles premiados em festivais, podem ser localizados por meio dos organizadores do Mix Brasil ou por meio dos e-mails de diretores e roteiristas.

Conheça alguns títulos interessantes:

■ *Flores no Parque* (ou *Os Primeiros Beijos*) – Esse premiado curta espanhol tem 9 minutos, é em branco e preto, e conta a história de duas mulheres que marcam um encontro num parque. Enquanto uma traz flores, a outra tem muitas dúvidas.

■ *Bagunça na Cama* – Nesse curta francês de 13 minutos, após uma noite de bebedeira, duas amigas fazem amor, e no dia seguinte, precisam enfrentar o constrangimento que o fato lhes impõe.

■ *Negociação da Paz* – Traz a história da amizade de duas meninas que brincam de soldado, coisa que a mãe de uma delas reprova pelo rumo tomado pela brincadeira. Curta sueco, de 15 minutos.

■ *Reunião de Família* – Este islandês, em 19 minutos, conta a história de uma jovem islandesa que vive em Nova Iorque e pretende revelar sua homossexualidade para seus pais. Revelações feitas numa reunião de família, no entanto, desafiam as suas suposições.

■ *De perto* – Em preto e branco, o curta espanhol de 6 minutos tenta mostrar que, de perto, gestos cotidianos tornam-se danças extraordinárias.

■ *Odile* – Curta francês, de 10 minutos. A personagem-título, uma moça comum, que trabalha como balconista numa padaria, tem sua vida mudada quando um grupo de ciclistas visita o estabelecimento.

o que rola

Economia Feminista



Isolda Dantas

Curso da Remte discutiu Economia Feminista: Uma Visão Anti-Sistêmica

No início de agosto, aconteceu, em Quito, Equador, o curso internacional “Economia Feminista: Uma Visão Anti-Sistêmica”, organizado pela Remte (Rede Latino-Americana

de Mulheres Transformando a Economia). Os temas aprofundaram o debate sobre os aportes econômicos das mulheres na sociedade, o debate público sobre o trabalho reprodutivo e de cuidado. Assim, a economia feminista apresenta-se como um instrumento a partir do qual se orientam propostas de mudanças na economia em escala mundial.

A Remte também promoveu o seminário “Um novo modelo econômico: experiências e desafios para a igualdade”, que trouxe as experiências de resistência do movimento de mulheres e o debate de quais as alternativas, apontando os pontos-chave do feminismo nisso e qual o papel das mulheres para a construção de uma integração regional pela igualdade.

folhafeminista

nº 65 Setembro de 2007

ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Fundação Heinrich Böll.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria

Colaboradoras: Alessandra Terribili e Maria Lucia da Silveira

Projeto Gráfico: Alexandre Bessa

Diagramação: Márcia Helena Ramos

Fotolito: SB Editora

Impressão: RWC Artes Gráficas

Tiragem: 1.500 exemplares

Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- LEGALIZAÇÃO DO ABORTO
- SOBERANIA ALIMENTAR E TRANSNACIONAIS